

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**RESGATAR O CORPO: PRÁTICAS DE *CUIDADO* E *CURA* DE UM GRUPO DE
MULHERES, NO MUNICÍPIO DE GENERAL CÂMARA, RIO GRANDE DO SUL**

DENISE TRINDADE MACIEL

Porto Alegre, janeiro de 2020.

DENISE TRINDADE MACIEL

RESGATAR O CORPO: PRÁTICAS DE *CUIDADO* E *CURA* DE UM GRUPO DE MULHERES, NO MUNICÍPIO DE GENERAL CÂMARA, RIO GRANDE DO SUL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Professor Orientador: Emerson Giumbelli

Professor Coorientador: João Dornelles Ramos

Porto Alegre, Janeiro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, os agradecimentos são para tudo que me acontece, bem como, são para todos que cruzaram o meu caminho na ocasião da constituição deste trabalho. Agradeço a tudo que me rodeia e, também, agradeço as marcas, do rosto e do corpo, pois elas indicam tudo que me constitui, portanto, não desejo apagá-las, mas, desejo honrar a tudo que me acontece. Agradeço aos meus ancestrais e a tudo que passaram para que eu, hoje, esteja aqui. Sei quem eu sou e, sei de onde vim. Agradeço e incluo a todos em meus processos, eu não ando só. Eu honro e agradeço a todos.

Em especial, quero dizer, a algumas pessoas, o quanto estiveram sempre presentes, na escrita deste trabalho. Agradeço à minha família, berço dos meus primeiros aprendizados, com a qual adquiri a importância do respeito e do amor ao próximo. Aos meus irmãos, Jader e Reinaldo, igualmente, às minhas cunhadas, Silvia e Melissa, eu os agradeço por darem a nós, os sobrinhos: Júlia, Luiza e João, eu agradeço e honro a todos. Às minhas irmãs, professora Chica e professora Anne, parceiras inseparáveis na minha jornada, gratidão por me ampararem, enquanto mulheres que somos. E, à minha mãe e ao meu pai, Helena e Leomar, gratidão pela vida. Pai, gratidão por me ensinar os preceitos da justiça e da verdade. Mãe, gratidão por me ensinar como é importante ser solidária com o próximo e, por ensinar tudo o que realmente importava, antes de partir. Eu honro e agradeço a todos, a vocês, meu eterno amor. Igualmente, agradeço aos meus colegas de trabalho que, por muitas vezes, me ampararam e estiveram comigo, encorajando e incentivando. A força dos ventos, das águas, do ar e da terra acompanha todos nós, sempre. Eu honro e agradeço a todos.

Além disto, agradeço à Escola e ao processo de escolarização, seja como foi, eles também me constituem. Eu honro e agradeço a todos. Às minhas professoras do ensino fundamental e médio, gratidão por fazerem parte do início de minha vida, por me mostrarem as letras e ensinarem como elas podem ser usadas a favor dos processos de aprendizagens. Eu honro e agradeço a todas.

A propósito, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a todos os seus espaços de aprendizagens, de risos, de intervalos divertidos, de muitas

tentativas, de muitas oportunidades, de acertos e de erros e de muita esperança. Eu honro e agradeço a tudo. Gratidão a todos os meus professores, especialmente às professoras Luísa Dantas e Ceres Victora, por despertarem em mim o incentivo para as abordagens a partir das mulheres. Ao professor José Otávio Catafesto, gratidão por toda a vivência e experiência compartilhada. Ao professor Sergio Baptista da Silva, gratidão pela oportunidade da iniciação científica, meus primeiros passos na escrita acadêmica, pelo seu afeto e solidariedade de pai, para com todos os seus alunos. Ao professor Pablo Tibor Quintero Mansilla, pelas aulas de antropologia, pelo seu incentivo e parceria, nos meus primeiros passos acadêmicos. Eu honro e agradeço a todos.

Especialmente, quanto à etapa de conclusão de curso, momento de suma importância desta etapa acadêmica, eu agradeço ao professor Emerson Giumbelli, por confiar em mim e fazer parte, fundamental, deste trabalho, gratidão professor. E, ao professor João Dornelles Ramos, pelo incentivo, pela sua disponibilidade, pela sua disposição e pelo amparo e orientação, prestados com dedicação e muita competência. Professor João, gratidão pelo tempo empenhado e pela confiança. Eu honro e agradeço a vocês.

Finalmente, agradeço ao Espaço Anangaia, este ser vivo que acolhe as almas buscadoras. Agradeço a cada uma das mulheres do grupo de General Câmara e, especialmente, a Vera Neone Bourscheit, mantenedora do espaço, facilitadora de tantas curas e de tanta felicidade, âncora de muitos (re) começos e, colo de tantas dores, a ti, toda minha gratidão. O Espaço Anangaia é berço de muitos (re) encontros e de muitos aprendizados, todos amparados pela Vera. As demais mulheres, dos grupos que participei, serão lembradas para sempre, associadas à constituição deste trabalho e desta etapa de minha vida. Gratidão a todas vocês, especialmente aquelas que estiveram presente em todas as etapas do feminino de 2018 e, com as demais, de outros encontros, gratidão: Anne, Anelise, Fabiana, Karine, Maíra, Rejane e, Vera. Além destas, agradeço à Bete, à Gorete, à Karin, à Andréia e a Lisandra, as quais também fizeram parte de alguns trabalhos que acompanhei. Eu honro e agradeço a todas e, reservo o seus direitos de não terem

seus nomes completos divulgados, com exceção de Vera Neone Bourscheit e Anelise Lacerda.



Amanhecer no Espaço Anangaia. Foto de Vera Bourscheit. Julho de 2019.

RESUMO

O presente trabalho é resultado da etnografia feita com um grupo de mulheres que se reúne em General Câmara, município do Rio Grande do Sul. O grupo segue as orientações de uma facilitadora que é iniciada na Umbanda e em outras práticas e culturas de devoção a terra, como as que envolvem as religiosidades andinas e celtas, as quais também contemplam os processos de cura e a proteção do corpo, de acordo com os conhecimentos ancestrais, como diversas culturas ameríndias, em relação ao estreitamento das relações entre humanos e não humanos. O estudo tem por objetivo as considerações acerca destas práticas, a partir do corpo, da proteção e da cura deste. Além disto, pretende demonstrar como estas práticas movimentam as mulheres do grupo estudado e como elas constituem processos de resistência, reestabelecendo a saúde e recuperando a posse do corpo. As aquisições feitas, aqui, podem indicar mais uma ferramenta para os processos decoloniais, favorecendo novas estratégias às mulheres, tais que contraponham o disciplinamento destas aos sistemas de opressão, dominação e exploração das mesmas, desde a uma análise sócio-política do corpo e de suas possíveis linguagens.

Palavras-chave: corpo, mulheres, resistência, *cuidado* e *cura*.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 ESPAÇO ANANGAIA: AMPARO E IMERSÃO	13
2.1 VERA NEONE BOURSCHHEIT: UM CAMINHAR DE AMOR, CONSTITUINDO CUIDADO E PRÁTICAS DE CURA.....	19
2.2 GRUPO, MULHERES E SUAS PRÁTICAS	22
3 HUMANOS E NÃO HUMANOS: ENTIDADES LOCAIS AGENCIANDO PRÁTICAS DE CURA E CUIDADO	29
3.1 A UMBANDA ESOTÉRICA E SUA RELAÇÃO COM AS PRÁTICAS DE CUIDADO	30
4 RESTAURAÇÃO DOS CORPOS: SACRALIZAÇÃO E EFICÁCIA TERAPÊUTICA	40
4.1 <i>CUIDAR</i> : REESTABELECE O CORPO COMO DIVINO	42
4.2 SENTIR: O AFETO COMO UMA PRÁTICA DE CUIDADO	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	56

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de tudo que me constitui, até aqui. É feito de muitas escolhas, a partir de muitas tentativas. As conquistas feitas, dizem respeito a tudo que me aconteceu e que fez com que eu chegasse ao Espaço Anangaia. Ele é feito com muitas mulheres, num período de muito aprendizado e de muita sabedoria. É a tentativa de contar várias trajetórias, que compõem muitas vidas, muita busca e muitos reencontros, a começar por mim mesma e da conexão disto com o grupo que descrevo.

Proponho, que ao fazer esta leitura, estejamos atentos ao corpo e a tudo o que ele pode nos dizer. Que possamos fazer uma reflexão sobre como temos usado o corpo, em nossas práticas cotidianas, como um terreno e um instrumento de resistência, para fazermos novas aquisições, desterritorializados de tudo o que nos tem feito duros, sem obedecer à fluidez das coisas que começam e, que, depois, terminam, sendo responsáveis e fornecendo combustível para a continuidade de processos que, por muitas vezes, estimulam as lutas e as disputas, mesmo quando dizem propor a paz, em vez da guerra. Além disto, pretendo transmitir, aqui, na forma da linguagem escrita, as sensações apreendidas em campo e que dizem respeito ao sentir, como uma forma de resgatar ao leitor, o lugar de excelência e de exclusividade, onde cada um existe em sua mais pura verdade: o corpo.

O presente trabalho pretende apresentar as práticas de *cuidado* e *cura* que são desenvolvidas em um grupo de mulheres, que se reúne no Espaço Anangaia, em General Câmara, no Rio Grande do Sul e que tem como mantenedora Vera Neone Bourscheit. Este espaço é dedicado às práticas terapêuticas, que visam recuperar a posse do corpo, a partir do resgate do *sentir* neste, demonstrando um potente aporte metodológico aos processos de resistência e, indicando a conquista de novas aquisições, feitas em função destes aspectos em relação ao corpo.

As práticas descritas são elaboradas e desenvolvidas por Vera, que é iniciada na Umbanda Esotérica, entre outras formações, como psicoterapeuta em bioenergética, florais e aromaterapia. Dentre tais práticas, podemos citar as que

retratam ciclos naturais da vida, como o nascimento, e a idade madura, entre outros. Além destes, temos as que envolvem alguns rituais, como os da Umbanda. Porém, estas práticas, não são orientadas de acordo com uma única técnica terapêutica ou espiritualista, mas, elas são uma composição de várias técnicas terapêuticas, inclusive as utilizadas no universo religioso da Umbanda e outras, orientadas como diversas religiosidades ameríndias.

Em função disto, a classificação quanto ao campo de discussões destas práticas não convém, por risco de se limitar a quaisquer denominações contemporâneas, sobre práticas espiritualistas. Portanto, as próprias interlocutoras, (pessoas e forças não humanas) são as referências principais de classificação, ou não, das suas próprias práticas. Sendo assim, os conceitos e/ou linguagens êmicas serão grifados em itálico, demonstrando as falas das interlocutoras, sempre que houver.

O trabalho é uma etnografia, feita a partir do grupo descrito. Ele foi realizado entre o período de junho de 2017 e outubro de 2019. Nesta ocasião, foram utilizadas algumas ferramentas etnográficas, como a participação observante e entrevistas abertas com as interlocutoras. Além disto, foi utilizado o recurso de algumas mídias, como fotos e gravação de áudios. As visitas foram mensais, entre o período de abril a outubro de 2018 e, aleatórias nos demais, até outubro de 2019. Também, foram realizados encontros quinzenais com Vera, durante todo o período descrito, bem como acompanhei um encontro, com o mesmo grupo, ocorrido durante dois dias (sábado e domingo) de setembro de 2019.

Sobre a organização do trabalho, o primeiro capítulo é a introdução, onde consta o tema, sua escolha, o método e a metodologia deste trabalho. O segundo capítulo é de ordem contextual, faz uma descrição do Espaço Anangaia, traz a apresentação de Vera Neone Bourscheit e de seu trabalho no espaço, demonstrando como este está associado à Umbanda Esotérica e aos agenciamentos de entidades não humanas do local. Além disto, este capítulo tenta falar quem são as mulheres do grupo e como elas organizam algumas de suas práticas de cuidado, bem como traz a descrição de alguns rituais realizados em Anangaia. No terceiro capítulo, menciono como se constrói a relação entre humanos

e não humanos no espaço, através da noção de “agenciamentos”, a partir de seres não humanos, como os vegetais ou como as entidades da Umbanda. Por último, o quarto capítulo é uma análise sócio-política do corpo, apontando a restauração deste, através da sacralização do mesmo e a eficácia terapêutica destas práticas de *cuidado e cura*.

Em relação aos conceitos utilizados, trago a noção de “conexões diferenciais”, entre os seres humanos e não humanos, que é abordada a partir da percepção das interações que ocorre entre estes e dos agenciamentos que são acionados pelos rituais e práticas (RAMOS, 2015) desenvolvidos por Vera e que tem, como terreno e instrumento de ação, o corpo. Na tentativa de ancorar a ideia de agenciamentos, a abordagem traz a noção do cuidado em si mesmo, como uma forma de devolver às participantes do grupo a prerrogativa de sustentarem a verdade em si, o que lhes garante soberania sobre os seus corpos (FOUCAULT, 2004).

As discussões acerca da religiosidade e das práticas que envolvem o grupo foram elaboradas a partir da cosmovisão ameríndia, africanas, católicas, kardecistas e do oriente, próximas do que diz Ramos (2015a). Para este trabalho, foram utilizados os conceitos de *cuidado e cura*, seguindo o que se assemelha a mesma noção no âmbito da saúde e da doença (MARQUES, 2018), onde a cura é admitida como a consequência do processo de cuidar, a partir da “tríade saúde-doença-cuidado”.

Outro ponto importante que o trabalho traz se refere aos processos de resistência às agressões e intervenções do meio, a fim de serem mantidas as manutenções necessárias dos corpos (BAPTISTA DA SILVA, 2002). Sobre isto, faço a tentativa de propor uma hipótese quanto às reproduções dos silenciamentos sobre os corpos, a partir de uma análise entre as relações de status e poder (COELHO, 2017), tomadas a partir do ambiente acadêmico.

Finalmente, este trabalho propõe a recuperação da posse do corpo (FEDERICI, 2017), através do resgate de seu caráter divino, em função da sacralização deste, a partir da eficácia terapêutica destas práticas de *cuidado*, que tem a *cura* como objetivo e como consequência. Este aspecto é apontado, aqui,

como uma nova estratégia e como uma nova ação, não condicionada a um acontecimento anterior, sobre a relação disto com os processos de violência que são considerados neste trabalho, conferindo ao corpo a capacidade de (re) existir, além de resistir, apenas.

2 ESPAÇO ANANGAIA: AMPARO E IMERSÃO

O presente trabalho é resultado de minha vivência etnográfica com um grupo de mulheres, num espaço terapêutico denominado Anangaia, localizado na zona rural do município de General Câmara, na Volta do Barreto, no Rio Grande do Sul. Neste local se conectam o meu caminhar com este trabalho. O espaço é um sítio, cuja proprietária é Vera Neone Bourscheit. Segundo ela, Anangaia significa *alma da terra* – *Anan* é alma, no alfabeto gaélico, origem do dialeto Celta e *Gaia* é terra. O nome veio de uma de suas *vivências*, um sonho que ela teve, o qual eu descreverei posteriormente. O espaço é destinado às mulheres que buscam *amparo e proteção* para diversos conflitos de ordem afetiva, através da *cura* e do *cuidado* de seus corpos que tanto foram silenciados por agentes nocivos, resultado de diversos processos sociais, políticos e econômicos.

Primeiramente, antes de fazer a caracterização do espaço, é importante mencionar que este trabalho foi se constituindo sem jamais deixar de considerar as mulheres do grupo como multifacetadas e agentes de suas próprias trajetórias, apesar das intervenções que, desde muito tempo, agridem seus corpos. Por esta razão, as apreensões feitas também não deixaram de ter, como plano de fundo, as discussões político-sociais acerca das mulheres, em geral, bem como não deixaram de considerar os processos de dominação, subjugação e exploração, pelos quais as mesmas foram vítimas, ao longo de processos histórico-sociais, marcados por violências sistematizadas.

As temáticas, que vinculam as mulheres à violência, são consideradas, aqui, de suma importância. Porém, este trabalho não tem, como objetivo primordial, discutir diretamente tais questões. Por sua vez, o trabalho faz a tentativa de considerar outro jeito, outra forma de reivindicar libertação às mulheres. Exatamente isto, *reivindicar liberdade* às mulheres através do “cuidar de si”, como uma alternativa às intervenções sofridas e aos silenciamentos sobre seus corpos, que inibem o *sentir* e nega, a estas, o potencial de *curar* a si e, a outros tantos que chegam até elas, à procura de seus cuidados. Estes cuidados se constituem a partir

da apreensão e manipulação das forças naturais da terra, do ar, do fogo e da água, como faziam nossas ancestrais.

Em relação ao espaço, é uma área de quatro hectares, localizado no Distrito Volta do Barreto, município de General Câmara que dista 85 km de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. O Espaço Anangaia está quase todo circundado pelas águas dos rios Taquari e Jacuí, formando a figura de uma ferradura. As terras que compõem o sítio se encerram formando o desenho de um triângulo, justamente num manancial de águas correntes, com uma sanga protegida por uma mata nativa - onde é possível verificarmos um solo muito rico, além da presença de pedras e rochas naturais da região. A mata, por sua vez, nos oferece seus cheiros, a força e a proteção dos seres que a constituem. O amparo, próprio do Espaço Anangaia, vem justamente de sua flora e fauna naturais, bem como dos demais seres não humanos que lá habitam ou que são acionados pelos trabalhos realizados no espaço.

A propósito destes entes, o espaço nos oferece um rico herbário, que a Vera cultiva, além de eucaliptos e de outras árvores nativas, também, oferece água de dois açudes, flores e frutos nativos. Ali, convivem galinhas, gatos, cachorros, corujas e aves diversas. Todos estes seres não humanos, juntamente com os humanos, *sustentam e dão amparo* aos processos de *cura e de proteção* que são desenvolvidos nas práticas de cuidados, oferecidas pela mantenedora do espaço terapêutico. Entre outras formações, Vera é também iniciada na Umbanda. Desta forma, entre estes seres não humanos, está a presença das entidades da Umbanda, como os Orixás, os Pretos Velhos, os Caboclos e as Juremas, e outros¹.

Em Anangaia, há muitos espaços e, dentre eles, uma *casa de cura*. Ela se constitui como uma *casa de reza*, organizada de acordo com uma casa de *Umbanda*, onde tem um Congá contendo imagens e outras, como dentre várias, a de Cristo². A *casa de cura é sagrada* para as mulheres que participam das ações do Espaço Anangaia. Nesta casa, são realizados rituais, de acordo com as práticas da

¹ Sobre a Umbanda e outras religiosidades afro-riograndenses, ver Oro, 1994, Anjos, 2006, Corrêa, 1992, Ramos 2015a, 2015b, Barbosa Neto, 2012.

² Em uma casa de Umbanda, normalmente, há um espaço para os frequentadores da casa, onde pode haver cadeiras (bancos) para estes sentarem, além de um espaço conhecido por Congá. Congá é um altar, onde se encontram as imagens de Santos e dos Orixás, de acordo com algumas religiosidades Afro-Brasileiras.

Umbanda, como *defumação e feitura de fluidos de vegetais*, utilizados nesta prática religiosa. Além disto, outros rituais, como os *rituais de renascimento e de passagem à maturidade*. Estes rituais são práticas criadas e desenvolvidas por Vera, visando uma vivência de reconstituição de momentos ou fases importantes na vida de qualquer mulher, como o *nascimento e a maturidade*.

A propósito dos rituais, desenvolvidos pela facilitadora, descreverei o ritual de *renascimento*. Esta prática tem o objetivo de resgatar a importância da vida em cada uma destas mulheres. Além disto, o ritual é a oportunidade de se *visualizarem conflitos relacionados ao parto, através da (re) constituição das memórias de uma ocasião em que a consciência ainda não nos permitia nenhuma lembrança*:

As mulheres se concentram na casa de cura. Todas elas vestem o mínimo de roupa possível. Elas se dispõem ajoelhadas lado a lado e, frente a frente uma da outra, formando dois cordões paralelos. Desta forma, o tórax de uma se une ao tórax daquela que se encontra a sua frente (através do abraço) e, entre as laterais (direita e esquerda) de cada uma delas, não há nenhum espaço sobrando. Ou seja, estão unidas umas às outras. Cada uma das mulheres, uma a uma, é convidada a passar no único espaço possível, atravessando horizontalmente toda a extensão formada pelo cordão de mulheres. Este espaço é formado pelo pequeno afastamento que se constitui, com a própria passagem de cada uma pelo cordão, que é o espaço entre o abdômen de cada mulher; lembrando um espaço virtual, como é um útero. Sendo assim, cada uma delas entra por uma extremidade do cordão de mulheres e, sai pela outra extremidade. Na extremidade oposta a da entrada, está Vera, fazendo o trabalho da parteira, incentivando o percurso e dando coragem no trajeto que, nos conduz ao nascimento. A casa tem as janelas e a porta fechada. O trajeto é escuro. As participantes podem sentir calor ou frio, durante a travessia, tal como ocorre durante os partos. (Diário de campo de abril de 2018).

Na *casa de cura*, no entanto, não são realizadas sessões abertas ao público em geral, de acordo com o que ocorre na maioria das casas de Umbanda, segundo o que vários estudos, desta religiosidade, demonstram. Porém, este espaço visa *amparar, confortar, socorrer e sustentar* momentos de reflexão e de *cura* que ocorrem durante os encontros com os grupos de mulheres, que são recebidas em Anangaia. Este espaço foi adquirido, pela proprietária, em 2004. Antes disto, em 2002, Vera possuía outro sítio, no município de Caraá, onde se encontra a nascente do Rio dos Sinos. A aquisição do sítio em General Câmara, para a construção do Espaço Anangaia, se deu em função de sua estima por este município, local onde passou sua infância e do qual lhe traz muitas memórias, da família e de sua mãe, que tem origem indígena, segundo Vera Bourscheit:

Eu vim pra cá em 2004, porque eu me criei aqui. General Câmara é uma cidade onde passei parte da minha infância e tem muitas memórias da minha família e da minha mãe, que era de origem indígena. Por isto, trago esta cultura de curandeira, desde minhas raízes ancestrais femininas (Entrevista realizada em 2019).

Segundo Vera, a criação do espaço Anangaia se destinou aos trabalhos com mulheres e desde 2004, ocasião de sua aquisição, ela iniciou um processo com o qual vários sonhos que ela teve reportavam à realização deste trabalho:

Desde 2004, eu tive muitos sonhos. Num deles, inclusive eu vi os três rostos xamãs que sustentavam a energia deste espaço (Espaço Anangaia). Além de outro sonho, onde eu fazia um ritual feminino, em que eu oferecia ervas e mel, para muitas mulheres (Entrevista realizada em 2019).

A *casa de cura* foi construída após a casa em que residiam, Vera e seu companheiro, ser queimada acidentalmente. Esta casa anterior abrigou muitas mulheres, foi sítio de vários trabalhos e muitos rituais, segundo a *facilitadora* – além de ser sua própria moradia. Mas não era, exclusivamente, uma *casa de cura*. Em setembro de 2016, *seu ciclo foi encerrado pelo fogo*, segundo Vera. Em 2018, foi construída a atual *casa de cura*, com o propósito, exclusivo, de ser uma casa para a realização de rituais, em substituição à antiga casa.

Na ocasião de 2018, Vera foi conduzida a construção de um *espaço oitavado*, que sugere, segundo ela, uma *forma feminina, arredondada*. Este espaço se constituiu como a atual *casa de cura*. Atualmente, a antiga casa está sendo reformada, a fim de se construir um dormitório e banheiros para as mulheres que frequentam o espaço. Vera e seu companheiro, ainda residem no Espaço Anangaia, porém, construíram outra casa para sua moradia.

Como um espaço de *acolhimento*, a *casa de cura* abrigou sentimentos, reencontros e expectativas. É o local do encontro com verdade sobre si, nas palavras de uma das mulheres:

Desde o primeiro dia que entrei na casa, senti, ali, uma possibilidade de voltar a ser uma mulher com posse de toda a minha essência divina. Ali, sempre foi o local de compartilhamento, de chorar junto, de rir, de abraçar, de olhar nos olhos e de me sentir acolhida. Ali, eu fui muito amada, respeitada e me identifiquei com a minha verdade, com a verdade que iria me libertar e me trazer de volta à vida (Entrevista de agosto de 2018).

No depoimento da participante, é possível notar uma reverência ao espaço, em se constituir a *casa de cura*, como um espaço de reencontro consigo mesma e de

reconecção com o sujeito real que é cada pessoa, sem as interferências do meio em que estamos situados. Além disto, percebe-se o sentimento de acolhimento, algo que sempre foi comum nas falas das participantes.



Primeira casa de *cura*. Foto de Vera Bourscheit. Setembro de 2018.

Sobre a sanga que encerra as terras de Vera, chamada *Sanga das Pombas* (de acordo com os moradores antigos da região), Vera declara que:

[...] a sanga tem uma composição vulcânica. Esta composição se relaciona com as mulheres. A sanga das Pombas, em sua constituição, se remete a dois aspectos sagrados, que também constituem o corpo de todas as mulheres: o fogo e a água. Estes elementos associados, na Mãe Terra, formam as águas da referida sanga em Anangaia (Entrevista realizada em maio de 2019).

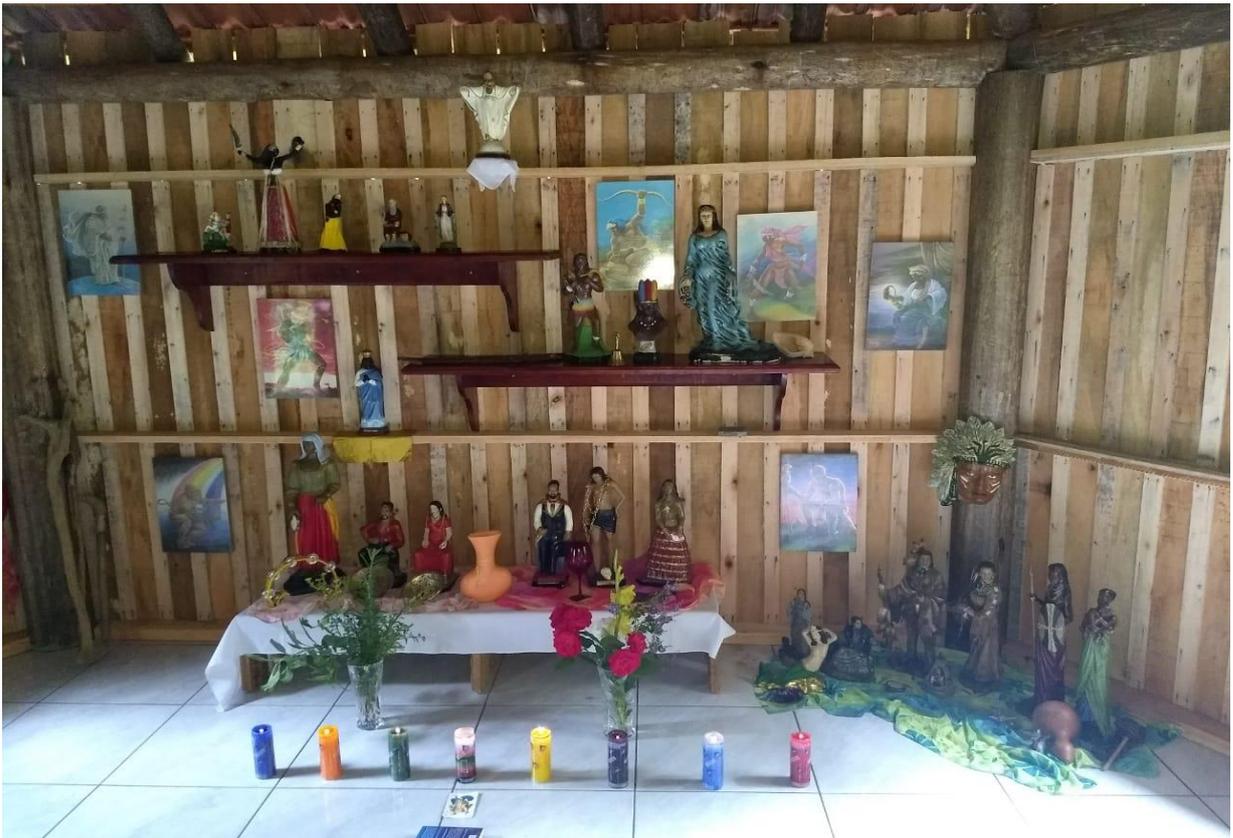
Na fala de Vera, é possível identificarmos alguns elementos das religiosidades ameríndias que se relacionam às concepções que se tem, a partir das mulheres e de sua relação com a terra. Tais concepções admitem o corpo da mulher como uma representação da *Mãe Terra*. Deste modo, não há uma distinção ontológica entre humanidade e natureza. Ao contrário, humanidade e natureza se

conectam, estabelecendo processos que são sociais e políticos, tais que vão formar as diferentes concepções de corpos.

As duas fotos, a seguir, são da atual casa de *cura*, por fora e, por dentro (Congá), respectivamente:



Atual casa de *cura*. Foto de Vera Bourscheit. Maio de 2019.



Congá da atual casa de *cura*. Maio de 2019. Foto de Vera Bourscheit.

Na intenção de personalizar o Espaço Anangaia e as práticas mencionadas, importa dizer quem é Vera, qual a relevância dela para o tema deste trabalho, como se conecta Vera, General Câmara e as mulheres, a partir das práticas de *cuidado* e *cura*, para a proteção dos corpos.

2.1 VERA NEONE BOURSCHUIT: UM CAMINHAR DE AMOR, CONSTITUINDO CUIDADO E CURA

O campo deste trabalho não se constitui, exclusivamente, por um espaço, que reúne mulheres. Mas se constitui, especialmente, pelas próprias mulheres que lá se encontram - em busca de *cuidado*, *cura* e *proteção* de seus *corpos*. Vera Neone Bourscheit³ é a *facilitadora* destes grupos, por isto sua relevância neste trabalho de

³ Mulher, mãe e avó. Profissionalmente, terapeuta bioenergética. Possui formação em educação psicossomática, focalizadora (dirigente) de grupos femininos e de Pathwork, (estudos dirigidos de desenvolvimento humano, criado a partir de canalizações de Eva Pierrakos, na década de 50).

pesquisa. Em sua caminhada, completam-se quase trinta anos de trabalhos, *cuidando, curando e oferecendo proteção, amparada* por seus guias e pelos seres que compõem o Espaço Anangaia.

Em 1992, Vera iniciou sua jornada na Umbanda da Nova Era⁴, em Porto Alegre. De acordo com ela, esta Umbanda pretendia ser de tal modo, como um processo que resgatasse a *Umbanda na sua mais pura tradição*. Ou seja, que não seguisse a necessidade de se dizer *Branca ou Cruzada*, pois, segundo Vera, a “*Umbanda é uma só*”. De acordo com os rituais desta tradição, Vera fez o Amaci, que é o ritual em que a pessoa recebe um banho de ervas, para depois fazer o Apronte, que, por sua vez, é um banho com sete ervas. O uso de cada erva varia de acordo com a pessoa, propriamente, além dos seres que se deseja acionar nestes processos (RAMOS, 2015b).

Em 1995, através de suas *intuições*, Vera sentiu necessidade de trabalhar com mulheres, por questões sociais, as quais estão relacionadas com os processos de violência contra as mulheres e, principalmente, em função do sonho que teve (já relatado anteriormente) em que oferecia mel às mulheres. Ela entendeu isto como um chamado, no qual era convidada a fazer um trabalho com mulheres, a fim de poder contribuir com seus processos de cura, de liberdade e de soberania. Desde então, organizou um grupo constituído de *quatro módulos* (o qual, nos primeiros anos, contou com o auxílio de uma amiga de caminhada), onde cada um tinha a duração de um dia e os denominou, respectivamente: *nascimento, alegria, consciência, maturidade e liberdade*. Em seus trabalhos, Vera utiliza diversas práticas terapêuticas, religiosas, rituais, entre outras, incluindo, as da Umbanda, bem como diversos elementos que se relacionam com aspectos espirituais: o uso de ervas para defumações, infusões ou fluidos de limpeza do ambiente, de acordo com os conhecimentos adquiridos na Umbanda, religião que pratica até hoje.

Em sua formação, como *facilitadora de grupos com mulheres*, Vera conecta uma diversidade de saberes, que foram adquiridos ao longo de seu caminho como

⁴ Nome dado a um conjunto de práticas da Umbanda, a partir da década de 1990.

mulher. Entre estes saberes, está o tema que une as mulheres ao *sagrado*⁵. Para a construção deste trabalho, a noção de sagrado é de extrema importância, pois está diretamente conectada a noção de manutenção dos corpos e *cuidado*. Esta manutenção é tal que *ampara* as diferenças em cada sujeito, sustentando a verdade sobre si mesmo e lhes garantindo soberania (FOUCAULT, 2004, *apud* PORTOCARRERO, 2011, p.87).

Vera tem 64 anos, é *psicoterapeuta*, desde 1994, *mãe* de três filhos, *avó* de cinco netos, *companheira* e, *mulher*. Ela afirma que, juntamente com uma parceira de jornada, foi uma das primeiras *umbandistas* a trabalhar com a Umbanda Esotérica, em Porto Alegre:

Desde que eu vim pra cá (Espaço Anangaia) trabalho dentro de uma visão de cura xamânica. Em 1994, recebi as instruções da Umbanda Esotérica. Durante um tempo, realizava trabalhos mensais na casa. Depois, minha casa queimou e eu parei com estes tipos de trabalho. Atualmente eles são feitos eventualmente (Entrevista realizada em junho de 2019).

Vera realiza trabalhos com práticas que não são, exclusivamente, umbandistas ou holísticas, mas consideram, inclusive, as *tradições Andinas*, especialmente pela *devoção à Mãe Terra*, através dos *ensinamentos sobre as fases lunares e a relação disto com a mulher e seu ciclo menstrual*, bem como as considerações da história oral de nossos antepassados. Logo, alguma classificação quanto ao campo de discussões destas práticas não convém, por risco de se limitar a quaisquer denominações contemporâneas, sobre práticas espiritualistas. Portanto, deixarei que as interlocutoras (pessoas e forças não humanas) sejam as referências principais de classificação, ou não, das suas próprias práticas.

Em 1994, Vera nos conta que participou de um grupo no qual recebeu as *instruções da Umbanda Esotérica*. Desta forma, em sua ida para o sítio em General Câmara, foi *intuída* a fazer um altar, onde seriam feitos *trabalhos de curas mensais*. Sempre teve a visão de *cura xamânica*, mas não com o propósito de sessão de Umbanda. Nestes trabalhos, as pessoas a procuravam e recebiam o atendimento que era necessário. Com o acidente onde ocorreu a queima da sua casa, este tipo

⁵ Sagrado é um termo utilizado pela facilitadora para descrever um *aspecto natural e divino, sobre as mulheres*, tal como uma parte da criação, onde estão contidos a sabedoria e os *dons de rezar, benzer, cuidar e curar*. Segundo ela, é um *estado, um modo de viver* onde se encontra a *essência de toda a mulher*, bem como o seu *potencial de um sacro-ofício*, tal como o de *curar*.

de trabalho foi interrompido, por um tempo. Atualmente, os trabalhos são realizados, majoritariamente, em grupos que se constituem por mulheres, exclusivamente, e que marcam as sessões de encontros, em determinados períodos.



Vera Neone Bourscheit. Foto de Anelise Lacerda, junho de 2018.

2.2 GRUPO, MULHERES E SUAS PRÁTICAS

Na tentativa de organizarmos nosso entendimento sobre o campo de discussões, em que este trabalho se encaixa, poderíamos classificá-lo dentro das atuais agendas de discussões que têm considerado os “novos xamanismos” (BAPTISTA DA SILVA, 2018). Ainda, poderíamos considerá-lo a partir da noção de “xamanismo urbano” (MAGNANI, 2005). Estas referências são de temas que tratam

diversas religiosidades, vistas como “novas” ou como “urbanas”, mas que não são realizadas, estritamente, igual ao que fazem os xamãs e, que não seguem estritamente a mesma tradição. Porém, elas dizem respeito a uma composição holística de se fazer xamanismo na atualidade e que são guiadas por pessoas iniciadas, também, em diversas religiosidades, como na Umbanda, nas andinas e celtas ou, ainda, em outras, igualmente devotas à terra e à ancestralidade. O Espaço Anangaia não é um espaço urbano e, também, no meu entender, é difícil classificá-lo como “novo”, embora, comparando as práticas realizadas neste espaço, de *cuidado*, com outras, ocorridas anteriores a 1990, certamente, podemos entendê-las como “novas”. Porém, tais práticas, que tecem uma rede de cuidados e que, de algum modo, resgatam elementos antigos, conectam-se ao contemporâneo, ao que vemos como práticas xamânicas de cuidado, em diferentes contextos sociais e religiosos.

Em minhas vivências com as mulheres em Anangaia, percebi que falar de suas práticas implica, necessariamente, falar da formação de Vera, pois é isto que, em certo sentido, personifica o grupo. As práticas desenvolvidas pela *facilitadora* não são orientadas de acordo com uma única técnica terapêutica ou espiritualista, como a Umbanda, por exemplo. Suas práticas são uma composição de várias técnicas terapêuticas, inclusive as utilizadas no universo religioso da Umbanda, nas quais, as que oferecem possibilidades de *cura*, tem um lugar significativo.

A respeito da organização dos grupos, eles seguem a demanda das próprias participantes ou são *intuídas* pela *facilitadora*. O tema dos encontros também pode ser fruto de uma *intuição*, vinda de seus guias espirituais⁶. A periodicidade destes encontros é definida pela facilitadora, bem como suas datas também. Os grupos não são fixos, podendo variar em suas participantes. Tem, em média, um número de dez a quinze mulheres e a duração, normalmente, é de um dia ou um final de semana (sábado e domingo).

A metodologia dos encontros é organizada pela facilitadora, com o apoio de três monitoras, que auxiliam no preparo das refeições que serão compartilhadas e nas demais tarefas, como: limpeza, alimentação e preparação dos ambientes

⁶ Entidades que sustentam o trabalho da facilitadora, como as da Umbanda. Mas podem seguir outras ontologias e religiosidades, como as ameríndias ou kardecistas.

(internos e externos) do espaço, atendendo as demandas para a realização de cada prática. Porém, as participantes também colaboram com tal organização, às vezes auxiliando no preparo das refeições e organização dos ambientes, por exemplo. Em relação à metodologia dos encontros, não segue uma orientação fixa, como ocorre na realização dos rituais que são feitos no espaço. Normalmente, os encontros tem uma prática de abertura, *práticas de limpeza*, de harmonização e de *cura* propriamente.

A propósito da prática de abertura, é comum uma atividade de *relaxamento*, buscando uma conexão com as entidades do espaço. Para tanto, a facilitadora faz algum ritual em que se deseje acionar tais entidades (não humanas), a fim de que estas atuem junto as participantes, atendendo as suas demandas durante o encontro. Neste momento de abertura, é feita a apresentação das participantes, se for necessário, bem como pode se ouvir suas expectativas para o encontro. Após isto, seguem-se as demais práticas, que podem visar à limpeza das participantes com rituais de defumação com ervas, por exemplo. Em alguns casos, os *rituais de limpeza e energização* podem incluir banhos na *sanga* (riacho) que se localiza no meio da mata, ao final das terras que limitam o espaço. Neste caso, fazem-se os banhos no transcorrer dos encontros, não na abertura.

Sobre a utilização dos termos *cura e proteção*, tratados neste trabalho, são processos que se constituem por práticas de cuidados. Estas práticas são tais que resgatam as próprias “práticas de cuidar de si”, justamente pela *noção de sagrado* que também foi apreendida como um aspecto exclusivo de cada uma das mulheres do grupo, a partir da noção de *corpos diferenciados e exclusivos* em função de suas diferentes constituições. Isto se faz como uma atividade educativa, devolvendo ao sujeito sua verdade e sua ética, segundo Fabiana Marcello e Rosa Maria Fischer (2014). A partir disto, minha vivência apreende o corpo como um ambiente em que cada um existe de forma exclusiva. As práticas de cuidado admitem o corpo e sua prerrogativa de poder, em si mesmo, pois resgata às mulheres tratadas a sua própria verdade das coisas, conferindo-lhes a oportunidade de agenciamento da realidade particular e, não apenas da ação simbólica.

Outro aspecto de suma importância e, que compõe as práticas de cuidado oferecidas em Anangaia é a oportunidade de outra forma de sociabilidade, a partir da convivência em grupo, oferecendo outra forma de encontro, no qual é possível o reconhecimento de si e, também de seus pares. Sendo assim, as ferramentas etnográficas de que fiz uso, neste trabalho de pesquisa, auxiliaram a observar como estas práticas são compreendidas por estas mulheres, além de observar como elas resultam em um processo de *cura* sobre algum estado em que as participantes se encontram, de forma que as fazem procurar por Vera.

Objetivando descrever algumas destas práticas, no capítulo seguinte abordarei com maior dedicação como se constitui a relação entre o Espaço Anangaia e as mulheres que o frequentam. Porém, adianto que isto ocorre através da conexão estabelecida entre as participantes dos grupos e os agentes não humanos que são acionados nos trabalhos realizados em Anangaia. Estes trabalhos, pela intermediação da *facilitadora*, têm como espaço de atuação os corpos de cada uma das participantes.

Frequentemente, os encontros são iniciados na área externa do espaço, se constituem de exercícios físicos que visam à movimentação do corpo e um *contato direto com a terra*, onde as participantes ficam de pés descalços, assim como é comum terem as mãos espalmadas sobre a terra. Além disto, o dia de atividades se inicia com uma visita à *casa de cura*. Este constitui um momento de *reza*, para estabelecer as conexões necessárias com as entidades que irão *amparar* cada trabalho. Estas entidades são espíritos, deuses/as, objetos, animais, vegetais, pedras, acionados pela ação das mulheres naquele contexto, estabelecendo no corpo das participantes algumas “conexões diferenciais”, com os territórios, com formas religiosas e também formas cosmo-ontológicas; nas quais percebo as cosmovisões ameríndias, africanas, católicas, kardecistas e do Oriente; muito próximas do que diz Ramos (2015a), no seu trabalho sobre a Linha Cruzada.

Digo isto, pois, na *casa de cura*, às vezes são cantados alguns pontos da Umbanda, cultuando ou evocando entidades, como Oxóssi, as Juremas, os Pretos Velhos e os Caboclos. Comumente, algumas destas entidades se apresentam em Vera. Entretanto, é possível que algumas entidades também se apresentem em

outras das mulheres que estejam presente no ritual para receber as terapias oferecidas pelo espaço, desde que seu corpo seja um que *suporte* a vibração da entidade em questão e que isto seja *oportuno* para os trabalhos no espaço⁷.

Entre as atividades desenvolvidas nos encontros, também é comum a utilização de ervas que servem para a *feitura de infusões*, defumação ou banhos para as participantes. Estas práticas tem o objetivo de *limpeza, proteção e cura*, compiladas na forma de *acolhimento e cuidado*. As ervas são usadas para “acionar a *proteção*”, através do agenciamento das substâncias e propriedades contidas em cada vegetal. Porém, no espaço mencionado, este acionamento ocorre sem a necessidade de haver a *alteração da consciência dos participantes*, com o uso de infusões.

Conforme minha etnografia, eu apreendi que as entidades da Umbanda podem ser recebidas nos trabalhos do Espaço Anangaia, onde os rituais, ali realizados, frequentemente utilizam vegetais com propriedades terapêuticas, o álcool de cereais, as colônias e óleos perfumados, flores, fogo e a fumaça (resultados da queima de incensos e/ou alguns destes vegetais). Eventualmente, são utilizados charutos, atendendo a demanda de alguma entidade que se manifestar.

As mulheres que chegam à Anangaia, o fazem por indicação de outras que já conhecem os trabalhos realizados no espaço. Elas têm, no mínimo, 18 anos, são trabalhadoras de várias categorias, com várias profissões. Algumas delas já são aposentadas, algumas são mães, avós. Algo em comum as une: a busca por cuidados e a necessidade de *cura e proteção*:

Todas nós, que chegamos ao espaço, chegamos à procura da Vera, para conhecer seu trabalho, buscando outra possibilidade de cura. Quem conhece a Vera e o seu trabalho, não busca mais as terapias convencionais. As mulheres que buscam os trabalhos oferecidos aqui, não são marinheiras de primeira viagem, não. Já tem muito chão percorrido, tem muita busca nas costas e no rosto, tem muitas marcas que, de certa forma, nos identificam como irmãs, como iguais [...] sabe! As terapias convencionais intoxicam, mascarando quem somos, de verdade. As

⁷ Conforme vemos em diferentes pesquisas, dentre elas, Ramos (2015a), sobre as práticas da Umbanda.

medicações nos confundem e, também são formas de um silêncio que, quem procura as terapias holísticas, vem tentando combater. Nós, não queremos silenciar nossa dor, não antes de curá-la. Nós queremos saber quem somos, queremos nos libertar. Com a Vera, nós aprendemos a olhar pra tudo que nos acontece, mas de outro jeito, de um jeito que liberta, em vez de aprisionar e, de um jeito que não fica agredindo a ninguém, mas um jeito que se faz pela sabedoria, pela educação e aprendizado, bem como pela disciplina aos ensinamentos conquistados. É um estilo de vida, um novo estilo de vida (Entrevista de agosto de 2019).

Como é possível verificar, a fala da participante, para a qual reservo o direito de não dizer seu nome, demonstra um estilo de vida, uma busca comum que as leva a procurarem uma solução, efetiva, para seus conflitos, quando outros métodos (convencionais) já não satisfazem a busca por cura ou quando estes já não bastam, de forma isolada. Mas, as práticas utilizadas por Vera, não impedem a continuidade dos tratamentos convencionais, o que fica a critério das participantes.

Entre as práticas de cura, são comuns os rituais em que se utiliza o fogo, com o objetivo de limpeza ou, quando se deseja acionar entidades mais potentes para realização de algum tipo de trabalho, igualmente mais potente, como mostra a foto a seguir, de junho de 2018.



Ritual com o fogo, junho de 2018. Foto de Anelise Lacerda.

O processo de *cura* é gradual e, muitas vezes, lento. Logo, não é algo observado imediatamente. Porém, no período de 2017 a 2019, pude acompanhar algumas destas mulheres em seus processos. Durante esta oportunidade, foi possível ouvir seus relatos sobre a *cura* daquilo que as afetava a saúde. Além disto, observei como elas se modificaram, em termos gerais, mudando suas expressões que eram de tristeza, inicialmente, e demonstrando maior felicidade e bem-estar geral, após o contato com o espaço, com as forças ali presentes e com as outras mulheres. Comumente, o espaço trata de mulheres com dificuldades afetivas, como depressão, transtorno de pânico ou transtorno bipolar. Além disto, o espaço oferece práticas de *cura* que auxiliam em tratamentos de dependência química, ou para conflitos do cotidiano que as participantes relatam, como problemas no trabalho e dificuldade de relacionamento com familiares, entre outros.

No Espaço Anangaia, os seres não humanos sustentam cada trabalho/atividade que ocorre no interior do sítio. Estes seres são actantes - assim como as próprias mulheres, neste caso - que operam em devires, num mundo de intensidades de tal forma que fortalecem os sujeitos nos quais estão agindo (ANJOS, 2006, *apud* RAMOS, 2015, p. 32). De fato, no que estou chamando como “singela caminhada”, uma pergunta sempre se torna frequente: como estas práticas de *cuidado* se constituem em processos de *cura*, para estas mulheres que se reúnem no Espaço Anangaia? O próximo capítulo trará o que foi apreendido sobre isto, no período entre julho de 2017 e abril de 2019.

3 HUMANOS E NÃO HUMANOS: ENTIDADES LOCAIS AGENCIANDO PRÁTICAS DE *CURA E CUIDADO*

Atualmente, a utilização da palavra cura não é a mesma que se empregou, por muito tempo, na medicina ou nas áreas da saúde. Hoje, ao falarmos de cura, temos alargados significados. Porém, a palavra cura é um dos sinônimos eruditos de cuidado, pois, em latim, o termo *coera*, usado no contexto das relações humanas, tem o sentido primitivo de cuidado, diligência, zelo. Há também o verbo *curo*, *curare*, com o significado de “cuidar de”, “dar atenção a”, “tratar” que remetem ao âmbito da saúde e da doença (MARQUES, 2018. P.27). Para este trabalho, a *cura* é uma consequência do “cuidar de”.

No capítulo anterior, vimos que Vera também tem sua formação profissional em *bioenergética*, entre outras práticas profissionais. A *bioenergética* é uma *terapia holística* que trabalha “o sentir” e a *conexão de cada indivíduo com o meio*, a partir do *corpo*. Desta forma, o Espaço Anangaia é o ambiente onde se conectam as práticas aqui descritas e o corpo de cada uma das mulheres, através do “sentir”, em função dos agenciamentos acionados pelo trabalho da facilitadora e, em função do *amparo e acolhimento* dos seres do espaço.

Durante minha experiência de iniciação científica, em minha graduação, orientada pelo professor Sergio Baptista da Silva, fui despertada para a relevância de fazermos “novas aquisições sobre o corpo”, desde a temática de seus estudos com os indígenas Kaingang, que se relacionavam, entre outros temas, à corporalidades. Os estudos que tratam das corporalidades são tais que propõem discussões acerca da importância de se fazerem “constantes manutenções dos corpos exclusivos”, a fim de serem mantidas suas constituições, conferindo-os “resistência às agressões e intervenções do meio” e dos processos que visam à dominação dos indivíduos (BAPTISTA DA SILVA, 2002).

Comparativamente a estas proposições, acerca do corpo, as práticas de cuidado, observadas neste trabalho etnográfico, também propõem o reestabelecimento dos potenciais de “cuidado de si”, semelhante ao que diz Foucault sobre “a ética do cuidado de si como prática da liberdade”. Compreendo que, ao valorizarem suas práticas, devolvendo às mulheres, a capacidade de *cura*

de seus processos, os quais lhes causam algum tipo de conflito, o grupo devolve às mulheres, que frequentam o espaço, a capacidade de autonomia e de (re) formação de si, livres das aquisições coercitivas impostas, de forma sistematizada, por muito tempo, aos corpos e sujeitos (FOUCAULT, 2004).

3.1 A UMBANDA ESOTÉRICA E SUA RELAÇÃO COM AS PRÁTICAS DE CUIDADO

As práticas de cuidado oferecidas no Espaço Anangaia, são técnicas que podem ser usadas como tratamento complementar ou exclusivo em muitas situações onde haja um *conflito de ordem afetiva ou física e espiritual*. Para a construção deste trabalho de pesquisa, fiz um recorte das práticas de *cuidado* que são compostas a partir da Umbanda Esotérica.

A Umbanda, como prática religiosa, tem muitos rituais que envolvem o *cuidado*. Este cuidado visa reestabelecer as potencialidades de cada indivíduo, através do acionamento das entidades com as quais tal prática religiosa admite e, de acordo com as demandas e afinidade do próprio indivíduo, para cada trabalho. Em relação ao surgimento desta, atribui-se à Zélio Fernandino de Moraes. Esta religiosidade compartilha elementos das religiões africanas, como o culto aos Orixás, a referência aos elementos da natureza e a devoção à terra, além de elementos das religiões denominadas cristãs. Talvez, por isto, há muita divergência quanto ao seu surgimento. Porém, há certo consenso quanto à idealização desta, a partir de Zélio de Moraes e, quanto o local, situado no Rio de Janeiro, no município São Gonçalo, em 1918. Logo, costuma-se dizer que é uma religião exclusivamente brasileira, embora seja uma composição a partir das religiosidades citadas e, por isto designada como afro-brasileira.

As religiões afro-brasileiras mantiveram as lógicas de seus genitores africanos, no que tange ao relacionamento dos seres humanos com os vegetais e demais elementos da natureza. Nestes contextos, toda natureza e todo cosmo são revestidos de atributos divinos, vivenciadas em suas ontologias e cosmologias, mobilizadas de forma que induzam experiências mágicas e místicas. Os novos elementos, integrados nos sistemas religiosos afro-brasileiros, foram ressignificados

dentro de suas lógicas e tradições (ALBUQUERQUE, 2001 *apud* FAVARO, 2018, p.55).

Considerando os elementos integrados nos sistemas religiosos afro-brasileiros é que se fazem as possíveis semelhanças entre a Umbanda e às cosmologias ameríndias e africanas, a partir do culto aos seres não humanos, como os vegetais e demais elementos da natureza, representados pelos Orixás, bem como pelo aspecto do cuidado à saúde, proposto por estas religiosidades, além do culto à ancestralidade. Mas tratar exclusivamente da Umbanda não é o objetivo deste trabalho, bem como não o é seguir as denominações continuadas dos trabalhos acadêmicos, por risco de limitar a importância das práticas em si mesmas.

O trabalho de Vera, *não é, exclusivamente, considerado em função da Umbanda*, mas esta religiosidade tem grande importância sobre o que ela e seu espaço movimentam em torno do “cuidar de si”, em função dos agenciamentos que são acionados e, pelas *entidades que amparam seu trabalho* com as mulheres que a procuram. Entre as práticas realizadas pela facilitadora, está a utilização da fitoterapia. Porém, esta não é uma prática exclusiva da Umbanda; assim como não é, exclusivamente, pela Umbanda que a facilitadora indica o consumo de infusões ou banhos com as ervas terapêuticas no processo de “cuidado de si”, pois ela tem muitas formações em *terapias holísticas*, como a fitoterapia, a aromaterapia e os florais. Embora, haja uma importante relação entre o uso de ervas terapêuticas na Umbanda e as entidades com as quais se deseja trabalhar, não é o objetivo, deste trabalho, fazer tal descrição.

Através das ferramentas etnográficas, utilizadas neste trabalho de pesquisa, observei que o sucesso das práticas realizadas pela facilitadora depende, também, da relação que as participantes dos grupos e momentos rituais estabelecem com o próprio espaço terapêutico. Esta relação ocorre mediada pelo acionamento das entidades que atuam junto à facilitadora e, também, pelas entidades presentes no local, assim como pelas entidades das participantes, que se conectam a partir dos rituais realizados, a fim de acionarem os seres do espaço. Observei que isto pode ser feito através das *danças circulares*, através de *rezas na casa de cura*, ou de

pontos (*cantos*) *entoados durante as atividades*, em que se *evoca a assistência pretendida para cada situação*.



Dança Circular no espaço denominado *Roda dos Índios*. Foto de Anelise Lacerda. Abril, 2018.

As entidades do espaço se constituem pelas árvores de diversos portes, pela presença de diversos animais, como uma coruja muito grande que acompanhou um dos trabalhos na área externa do espaço, pela presença de muitos gatos, que convivem em plena harmonia com as participantes dos grupos, entre outras. Além destes, observei o cultivo de um lindo herbário, de onde são colhidas diversas ervas terapêuticas, as quais são utilizadas para defumação, em alguns trabalhos e, na preparação de um *fluido de 21 ervas*⁸, feito uma vez ao ano, no espaço, durante um ritual da Umbanda, que serve para harmonização de ambientes e para trabalhos de limpeza das/nas residências das participantes. O mesmo, também, é utilizado

⁸ Fluido é uma solução feita, de álcool de cereais e de 21 das ervas terapêuticas, do Espaço Anangaia, especialmente, a partir das ervas do herbário que a facilitadora cultiva. Este fluido é feito a partir da maceração, com as mãos de todas as participantes do grupo, das 21 ervas, juntamente à presença do álcool de cereais. Após 14 dias, as ervas terapêuticas, que ficaram em infusão, são retiradas, restando apenas uma solução homogênea que serve para uso de todas as participantes, com o objetivo de limpeza, harmonização e energização de diversos ambientes, como de suas residências.

durante alguns rituais no próprio espaço, sendo, muitas vezes, borrifado nas mãos das participantes, com o objetivo de energização para os trabalhos realizados.

A partir da convivência, entre os humanos que frequentam o Espaço Anangaia e os seres não humanos que o habitam, se constituem os processos territoriais. A territorialidade estabelecida por esta convivência é o que garante os acionamentos desejados, em função do *trabalho holístico* da terapeuta, os quais favorecem as conexões necessárias, a fim de que as práticas de cuidado do espaço tenham, efetivamente, um *potencial de cura*.

A facilitadora, através de seus conhecimentos e do amparo destas entidades acionadas, percebe quais outras entidades são necessárias para cada caso. Por isto, é imprescindível seu conhecimento em bioenergética, que é uma técnica que se dá a partir da percepção das sensações no corpo. Desta forma, admitimos que as considerações das aquisições feitas, a partir do corpo, são de suma importância para este trabalho. Por este motivo, as práticas de cuidado observadas, o Espaço Anangaia e as mulheres, formam um sistema interdependente, através do corpo e das entidades que neles são acionadas.

A propósito das entidades acionadas para os trabalhos que acontecem em Anangaia, elas se constituem de tudo que tem vida, a partir dos agenciamentos dos entes que lá habitam, tal como as flores. Em relação a isto, uma das atividades, desenvolvidas pela facilitadora chama-se *útero florido*, descrito por Vera:

Neste trabalho, dentro de uma imersão profunda, as mulheres ficam dois dias em recolhimento, através de meditações, banhos de ervas e caminhadas. Ele envolve uma atividade, em que são colhidas algumas ervas e flores, conforme a intuição de cada uma das mulheres. Durante a noite, com o auxílio dos elementos terra, fogo, água e ar, além da leitura de algumas cartas, com o propósito de pedirem auxílio para o seu processo de cura, que pode ser físico ou mental, ou pode ser um abuso sexual, ou ainda desregulação do ciclo menstrual ou qualquer outro desconforto, ocorre o processo de cura uterina. Então, é confeccionada uma mandala, sobre a qual, cada uma das participantes dorme. Este trabalho oferece uma cura profunda, através da conexão com a memória ancestral do nosso útero sagrado. O trabalho termina, na tarde do dia seguinte, com a construção, coletiva, em argila, num círculo sagrado, na mata, de uma imagem da Pachamama, Deusa Mãe, que ancora a todas nós, mulheres (Entrevista, julho de 2019).



Ritual do *Útero Florido*. Foto de Vera Bourscheit, Julho de 2019.



Mandala e imagem, em argila, de Pachamama. Ritual do *Útero Florido*. Foto de Vera Bourscheit.
Julho de 2019.

A territorialidade está, então, intimamente ligada à ocupação que as frequentadoras fazem do espaço. Em função disto, é importante o fluxo de mulheres neste ambiente, para que as trocas entre humanos e não humanos sejam constantes, em função de processos intercambiáveis. Estes processos garantem fluidez aos corpos das participantes e, isto oferece a manutenção destes corpos. Este fato, por sua vez, reifica a importância do trabalho de bioenergética da terapeuta, pois favorece a estas mulheres um *processo educativo sobre si*, a partir de seus corpos, em função das percepções apreendidas a partir destes.



Partilha e instrução entre as mulheres. Foto de Anelise Lacerda. Setembro de 2018.

Em relação aos trabalhos realizados nos encontros, no Espaço Anangaia, temos a visitação ao herbário cultivado pela facilitadora. Durante esta visita, ou em encontros destinados ao aprendizado das ervas terapêuticas, a facilitadora ensina sobre os vegetais do local e sobre a *alma coletiva* das plantas, além do princípio de cada uma das ervas, do reino dos vegetais, que é diferente nas diferentes ervas terapêuticas:

Vocês precisam apreender e se conectar com aquela erva terapêutica que, no momento, oferece maior potencial de cuidado para o seu processo de cura. Para terem esta conexão, vocês precisam sentir (Vera Bourscheit, outubro de 2019).

Outro aspecto, a partir do herbário, é a relação entre o *cuidado* e o cultivo. “Cuidado”, por muito tempo, foi relacionado à palavra cultura, remetendo à ideia de cultivo (MARQUES, 2018). As participantes dos grupos são ensinadas a fazer o cultivo de suas ervas terapêuticas, como o alecrim, a sálvia, a lavanda, a arruda, a guiné e outras; bem como apreender a fazer sua colheita. A facilitadora ensina:

Para sabermos qual o vegetal é necessário para uma dada cura, precisamos observar nossas sensações e sentimentos e, conhecer um pouco sobre as propriedades de cada uma das ervas. Se for sentido que precisamos fazer uma limpeza, podemos usar o alecrim, que é uma erva de limpeza energética, ou, podemos utilizar a sálvia, com o mesmo propósito. Ao sentirmos qual o vegetal que deve ser colhido, devemos considerar que ele é um ser vivo. Então, antes de colhê-lo, fazemos uma oração, singela, pedindo licença, ao próprio vegetal e, pedindo auxílio da Mãe Terra, para fazer a colheita. Assim, aproximamos a mão direita (se destro) ou a mão esquerda (se sinistro) e esperamos, até podermos sentir que o seu elemental, naquela porção, não irá sofrer de dor, em função de sua colheita. Somete depois disto, o vegetal pode ser colhido e, devemos fazê-lo sem exageros na porção colhida. (Diário de campo de outubro de 2019).

Na ocasião em que ouvi a fala de Vera, sobre como colher uma erva, identifiquei uma relação de *afeto e de respeito com o reino vegetal*. Esta é uma ação que confere *cuidado*, a partir de uma erva que pode ser usada para banho ou infusão. Este cuidado, além de oferecer potencial de *cura*, também, oferece a capacidade de *preservação e bem-estar* daqueles que utilizam esta terapêutica. Com isto, é possível observarmos que o *cuidado* está intimamente relacionado à saúde ou à ausência dela. Gabriela Porto, em sua dissertação de mestrado, menciona a “tríade saúde-doença-cuidado” ao indicar a compreensão e os significados do cuidado para as mulheres quilombolas de Mostradas, no Rio Grande do Sul. Neste caso, a inexistência de cuidados poderia indicar a falta de saúde, ou perda dela (MARQUES, 2018).

Semelhante a esta “tríade”, apontada pela autora, ocorre com as mulheres do grupo, ou com aquilo que as leva a procurarem o Espaço Anangaia, essa dimensão do cuidado. Os conflitos vivenciados por estas mulheres, não permitem a elas a *manutenção de sua saúde e de sua integralidade*, enquanto sujeitos. Ao resgatarem o “cuidado de si”, se instaura, em seus corpos, o processo de *cura* sobre tais conflitos, os quais as levaram a procurar por ajuda, em função dos reestabelecimento de suas potencialidades de *cura e autocura*.



Ensinamento no herbário. Foto de Anelise Lacerda. Setembro de 2018.

Desta forma, mesmo ao admitirmos *cuidado* como um aspecto subjetivo, em relação ao sujeito, também o admitimos sob outros aspectos objetivos sobre o mesmo, seguindo a noção da “tríade saúde-doença-cuidado”. Sendo assim, *cuidar* pode ter múltiplos olhares que, neste trabalho, admitem o corpo como objetivo da ação combinada entre humanos e não humanos. Por esta razão, a manutenção dos corpos, através do *amparo* das entidades não humanas, deve ser constante, a fim de garantir a integridade destes, assegurando o processo de preservação ou de *cura*, a partir das práticas de *cuidado*.

A propósito da manutenção da integridade dos corpos das mulheres do grupo, é a forma com que as práticas de cuidado dispõem para o reestabelecimento da alteridade destas mulheres, conferindo a elas ferramentas que favoreçam pensarem novas estratégias, diferentes das que utilizam e que mantêm os conflitos que estas desejam *curar*. Ou seja, as práticas de cuidado são outras formas de cura e de saúde, que operam entre humanos e não humanos, semelhante ao que diz João Ramos (2015b).

Desta forma, *cuidar* é um conjunto de práticas que se relacionam com o reestabelecimento das potencialidades nas mulheres, observadas durante minha etnografia. Este conjunto de práticas é fundamental para a continuidade dos processos de manutenção dos corpos e para restituir, às mulheres, a autoridade em si mesma, garantindo as preservações necessárias para a constituição dos sujeitos e de suas diferenças.

4 RESTAURAÇÃO DOS CORPOS: SACRALIZAÇÃO E EFICÁCIA TERAPÊUTICA

Minhas vivências, no Espaço Anangaia, promoveram várias aquisições sobre os diferentes sentidos de *cuidar*. No meu entendimento, estes sentidos estão de acordo com as visões ameríndias, no que diz respeito às práticas religiosas, embora não se resumam, exclusivamente, à religiosidade. As práticas de cuidado, do espaço, são como um modo de vida, pelo qual se promove a restauração dos corpos, devolvendo às participantes, a prerrogativa de sujeitos libertos dos processos de silenciamentos sobre si.

Na graduação, muitas vezes, ouvi discussões acerca dos processos de dominação, exploração e subjugação, relacionados às diversas abordagens, como política, social e economia. Porém, na maioria das vezes, estas abordagens, beiravam a considerar os sujeitos, apenas, num plano mental. Para mim, se as considerações, acerca dos mecanismos pelos quais são possíveis as diferentes formas de dominação, bem como as vias pelas quais operam, cognitivamente, tais processos, são tais que não mencionam as corporalidades, estas falham em seus propósitos. Ao considerarmos as microestruturas de operação e os processos de dominação, alcançamos abordagens específicas sobre estes, que estão além da subjetividade que é proposta pelas discussões feitas, até o presente momento e, que não consideraram o corpo como uma parte operante dos sujeitos, além de considerarem a cognição.

As abordagens específicas, sobre os processos de dominação, e que olham para as suas microestruturas, além da subjetividade, tem considerado o afeto como elemento primordial para tais discussões. Ora, o afeto não é um aspecto mental, mas corporal, que se relaciona com o *sentir*. Sendo assim, se um corpo, que reproduz em si as consequências das estratégias de dominação social coletiva, *adoece*, em função disto, já não podemos mais considerar as intervenções sobre ele como algo, puramente, subjetivo. As aquisições feitas, até hoje, sobre doença física, são bem objetivas, é algo palpável e visível. Em minha pesquisa etnográfica, importa apreender como estes processos afetam o cotidiano das mulheres do grupo e como estas utilizam as práticas de *cuidado*, oferecidas em Anangaia, para, efetivamente, conquistarem a eficácia terapêutica em seus processos de *cura*.

Em minhas observações, apreendi que, antes das participantes chegarem ao espaço e se conectarem com as práticas de cuidado do local, elas não tinham a autoridade como prerrogativa, mas a percebiam como algo que, apenas, atuava sobre elas. Então, uma das tarefas da facilitadora consiste reestabelecer esta prerrogativa nas participantes dos grupos. A tarefa é favorecida pela proposta de *resgate do sagrado* em relação aos corpos das mulheres do grupo. Isto é possível, a partir das atividades que a facilitadora elabora e, que propõem resgatar os *elementos sagrados da constituição humana*, em oposição à demonização dos corpos, e da reprodução desta noção, desde muitos séculos passados.

As considerações do corpo, como objeto de demonização da condição humana, provavelmente, tem sido mais abordadas nas atuais discussões acerca dos processos de dominação e exploração⁹. Porém, nas leituras que fiz, durante minha graduação, observei que as discussões que consideram o afeto e as emoções, em geral, ainda têm sido negligenciadas, por muitos pesquisadores, nas agendas acadêmicas, as quais se relacionam aos estudos atuais das temáticas ligadas às corporalidades e à dominação.

A propósito da dimensão emocional, Maria Claudia Coelho, num dossiê concebido inicialmente como uma coletânea, menciona sobre a emergência de sentimentos específicos, a partir da necessidade do exame das relações entre o poder e o status, para dar conta da dimensão emocional da conformidade às regras sociais, em que a vergonha desempenha papel central. Entretanto, no Brasil, tal temática ainda é pouco explorada. Em 2000 foi iniciado um trabalho regular de organização de atividades, junto às reuniões das principais associações científicas, tal como a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), entre outras (COELHO, 2017, p. 45).

Semelhante ao que diz Maria Claudia Coelho, para mim, a dificuldade em abordar discussões acerca de sentimentos específicos, além de termos gerais desde a subjetividade, parece se originar nas mesmas bases em que se estabeleceram as estratégias de dominação que visam os silenciamentos e negação dos corpos. Estas estratégias continuam se reproduzindo, na forma da negação de certas abordagens

⁹ Corpo e demonização da condição humana, ler Silvia Federici. Calibã e a Bruxa, São Paulo, 2017.

discursivas, no meio acadêmico, demonstrando (talvez) certo constrangimento em admitir as aquisições feitas, a partir do corpo. É preciso atentar para esta possibilidade nas discussões acadêmicas, pois os silenciamentos destas aquisições podem significar a reprodução da noção de corpos demonizados e, que por isto, não merecem ser considerados, quiçá, merecem atenção sobre suas sensações e sentimentos, nas discussões e agendas acadêmicas.

Considero importante mencionar tudo isto, em função do *sentir* e sua relação com o corpo, a partir das práticas de cuidado que descrevo. Torno a dizer que, sentir não é algo que ocorre num nível mental, mas corporal. Desta forma, faz-se necessário reestabelecer o corpo como *sagrado*, onde *sentir* não seja mais proibido e, sim, *divino*. Nas práticas descritas, observei que *sacralizar* é algo que se assemelha a tornar-se divino, sem que com isto seja reificada a ideia de *puro* em oposição ao *impuro*. Mas, em função de que a sacralidade é o que mantém a noção de “corpos exclusivos”, garantindo assim, o seu direito às diferenças, por serem diferentes.

4.1 CUIDAR: REESTABELECE O CORPO COMO DIVINO

Nas práticas oferecidas no espaço, *cuidar* é, então, uma prática que funciona como uma estratégia, que visa reestabelecer os aspectos sagrados sobre o corpo, a partir do *sentir*. Numa das atividades do espaço, as mulheres eram estimuladas a encontrar aspectos desta sacralidade, através da conexão com a lua e com a terra:

À noite, as mulheres se encontravam na entrada do Espaço Anangaia, após a porteira de entrada, todas alinhadas, formando uma meia-lua. Foi na noite que antecedia a primeira noite de primavera, de 2019. Vestiam saias longas, que faziam um suave balanço, com a brisa daquele dia. Ouviram sobre a lua e suas fases, além de ouvirem a relação disto com os ciclos das mulheres, com os inícios e fim de tudo e, da importância de acolhermos isto, com amor e respeito. Num dado momento, elas estenderam seus braços, em direção ao céu, com a mão direita espalmada e os dedos entreabertos, a fim de visualizarem a lua. Neste momento, num ritual de força, pediram a conexão com a irmã lua e com os seres que se relacionam com ela. Continuando a vivência, à luz da lua, as mulheres se deitaram no chão, para ouvir o coração da Grande Mãe, Terra. A terra não era fria, nem desconfortável. Ao contrário, pareciam envolvidas num suave abraço de mãe. Ali permanecemos por algum tempo... O silêncio era algo maravilhoso e, de repente, as batidas de meu coração, eram como a própria terra pulsando. Eu nunca tinha ouvido a terra! (Diário de campo, setembro de 2019).

Desde o momento que se pisa no Espaço Anangaia, os nossos sentidos parecem se alterar. Durante a realização desta etnografia, ouvi muitos relatos que se relacionavam com o *sentir*, como um requisito para as novas aquisições, as quais favoreceriam o reestabelecimento *dos elementos sagrados da constituição humana*. Desta forma, apreendi a importância da prerrogativa da autoridade em si mesma, em função das práticas de *cuidado* desenvolvidas no espaço, pois este aspecto é o que confere, a cada uma das mulheres, a capacidade e o direito de perceber o seu corpo e de como ele se relaciona com o meio, bem como, perceber o tipo de intervenção que o meio causa, sobre os diferentes corpos.

Do mesmo modo, também é necessário acomodar as apreensões feitas, a partir do corpo, para que estas se tornem funcionais e possam indicar novas estratégias que, por sua vez, oportunizem a manutenção destes. Ou seja, é uma *ação prática/objetiva* que não pode se dar, exclusivamente, pelo plano mental, a fim de se constituírem, de fato, em uma forma de corporalidade. Sendo assim, a eficácia terapêutica das práticas oferecidas no espaço, constituem *práticas de acolhimento*, à medida que estabelecem certa identificação, entre as participantes do grupo e o Espaço Anangaia, desde a assistência prestada por Vera. Além disto, a eficácia terapêutica constitui-se, também, em processos territoriais e de territorialização, semelhante ao que diz Sergio Baptista, ao se referir às cosmologias e ontologias ameríndias, no Sul do Brasil (2011, p. 182-192).

Ramos (2015a), ao abordar a “religiosidade Afro-Brasileira e o cruzamento”, a partir das diversas ontologias (africana, ameríndia, cristã, kardecista, do Oriente, Povo Cigano, a Linha de Exus...) e as conectividades estabelecidas entre estas, considera um “perspectivismo”, desde que vejamos a noção de “cruzamento” enquanto uma *ação prática*, que depende do sentido da cosmopolítica efetuada na Linha Cruzada da Umbanda. Semelhante a isto, ocorre com a eficácia das práticas de cuidado, descritas nesta etnografia, em que se faz necessário uma conexão entre as participantes, a facilitadora e o espaço, através dos seres acionados, durante os trabalhos que lá ocorrem.

A partir de Sergio Baptista da Silva, entre os coletivos ameríndios, e de João Dornelles Ramos, entre quilombolas e práticas afrorreligiosas e, ainda, das

considerações feitas aqui, por mim, acerca de como se constituem os processos de corporalidades e territorialidades e territorialização, vejo que a eficácia das práticas de *cuidados*, oferecidas no Espaço Anangaia, depende, antes de tudo, da desconstrução e descontinuidade do que é estabelecido para os corpos das mulheres, em função das aquisições feitas sobre estes e que resultam em dominação, exploração e subjugação histórica.

Desta forma, as práticas de *cuidado*, mencionadas neste trabalho, reestabelecem um estado em si mesmo, tal que resgatam um *Eu* que, antes delas, foi negado, silenciando o *sentir* sobre os corpos. José Carlos dos Anjos, num artigo sobre a filosofia política da religiosidade Afro-Brasileira, como patrimônio cultural brasileiro, menciona os Orixás e a ação destes sobre as diferentes pessoas e, de como um mesmo Orixá atua, de forma singular, em cada filho seu (2008, p. 85). Semelhante a isto, observei como são estabelecidas as conexões entre as participantes e, os seres não humanos do espaço, a partir de um recorte sobre o uso das ervas terapêuticas, recomendadas pela facilitadora, bem como a interação destas com os seres não humanos, que compõem o local.

Comparado ao que diz dos Anjos e, admitindo a importância do uso das ervas terapêuticas, em muitas Linhas da Umbanda, a fim de se acionar agentes não humanos, podemos considerar o consumo de infusões, a partir de uma única erva, mas, que é bebida por diferentes sujeitos. Em cada um deles, a ação desta erva, tem o mesmo propósito. Porém, ela age de forma diferente, em cada sujeito. A forma como se dá esta ação, depende das demandas e potencialidades de cada um deles, embora, as propriedades e a função, de cada planta, permaneçam inalteradas, em cada um dos casos. Sendo assim, o consumo das ervas terapêuticas se constitui uma especificidade, uma singularidade, a partir da ação diferenciada dos agentes contidos, em cada uma delas e, da conexão destes com a demanda e potencialidades de cada um que consome a infusão. O mesmo ocorre com o consumo das ervas terapêuticas, dentre as participantes do grupo estudado.

A singularidade, estabelecida pelas conexões descritas, no caso do grupo referido, depende do *sentir* em cada uma das mulheres. Quando elas são ensinadas a perceberem qual erva oferece, naquele momento, potencial de *cura*, isto se dá

pelo *sentir*. A facilitadora recomenda o uso das ervas, mas, em seu cotidiano, cada uma destas mulheres, precisa elaborar esta necessidade, por si mesma. Isto é possível, através da observação das sensações e das reações do/no corpo, a partir de se pensar, cheirar ou tocar em cada uma das ervas. Logo, a disponibilidade das plantas, se faz necessário neste processo, seja pelo cultivo (que seria o indicado, em função do contato com a terra) ou por outra forma de aquisição, como ocorre na compra de ervas desidratadas.

Visando a eficácia deste consumo, as mulheres podem, ainda, ritualizá-lo, escolhendo um local agradável, um horário do dia, de acordo com a preferência de cada uma e, assim beber a infusão da erva escolhida. Porém, o que interessa aqui, sobre o consumo, é o que agrega ele às ervas: o cultivo destas, a partir da relação disto com a “noção de *cuidado*” (MARQUES, 2018, p27).

De acordo com as formas de aquisição das ervas, mencionei que é indicado o seu cultivo, em função deste ser uma prática que auxilia as mulheres em sua reconexão com a terra, através das mãos e do cuidado propriamente, tal como ocorre com os agricultores. Em seu trabalho sobre o cuidar feminino, Gabriela Pôrto Marques, menciona o “cuidado e a relação deste com o zelo e, com a palavra cura, onde esta, na maioria das vezes, modifica o curso da doença e reestabelece a saúde” (2018, p.27).

Semelhante a Gabriela, este trabalho admite que o *cuidado* relaciona-se com as experiências sociais de cada um, onde a “comunicação de geração a geração”, é de suma importância. A partir da ideia de comunicação, de geração em geração, é importante falar do “disciplinamento das mulheres”, desde Silvia Federici. Em *Calibã e a Bruxa*, a autora discute a história das mulheres e a transição do feudalismo para o capitalismo.

Desde o início, este trabalho constituiu uma discussão sócio-política, em relação às mulheres, demonstrados, como plano de fundo, nas próprias práticas de cuidado do grupo estudado. Porém, a leitura de Silvia Federici trouxe um aspecto histórico-político, de suma importância à discussão: o “disciplinamento das mulheres”, na ocasião da transição do feudalismo ao capitalismo.

Em *Calibã e a Bruxa*, Silvia Federici, faz uma tentativa de repensar a análise da reprodução primitiva de Marx, a partir de um ponto de vista feminista. Além disto, a obra faz uma crítica à teoria do corpo de Michel Foucault. Em relação a Marx, a autora menciona que teria sido possível transcender a dicotomia entre o patriarcado e a classe, dando ao patriarcado um conteúdo específico, a partir da divisão sexual do trabalho e o trabalho não remunerado, exercido pelas mulheres. Em relação à Foucault, a autora menciona que este se desinteressou pelo disciplinamento das mulheres, ao considerar a análise das técnicas de poder e as disciplinas a que o corpo se sujeitou, ignorando o processo de reprodução, fundindo a história feminina e masculina num todo indiferenciado (2017, p. 11).

A partir disto e, do disciplinamento das mulheres, aqui nos interessa um aspecto importantíssimo: a caça às bruxas no período de transição do feudalismo ao capitalismo, trazida pela autora, na obra citada. As discussões deste trabalho e a caça às bruxas se conectam, justamente, a partir das bruxas. As bruxas, para muitas correntes de estudo, eram as curandeiras, as parteiras, as benzedoras e rezadeiras. Eram, também, as hereges, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a que envenenava a comida dos senhores, entre outras coisas (FEDERICI, 2017, p. 14).

A propósito disto, para mim, elas eram aquelas que tinham uma conexão muito grande com as religiosidades que se ligavam a terra, tal como é preconizado com as práticas de *cuidados* que observei, neste trabalho de etnografia. Porém, na ocasião mencionada por Silvia, a apropriação e o disciplinamento das mulheres, a partir da negação do corpo (para mim), eram estratégias fundamentais a fim de se estabelecerem as relações de poder que interessavam ao desenvolvimento do capitalismo, na Idade Moderna. Em função disto, para que o corpo fosse negado e explorado, ele foi demonizado, perdendo seu caráter divino e suas potencialidades de *ser e sentir*.

No processo de reprodução e acumulação capitalista, Silvia Federici aponta a mulher como produtora e reprodutora da força de trabalho e, que esta, para este sistema, era a mercadoria essencial, em função de ser a mulher quem dá a vida a

outros trabalhadores. Desta forma, foi fundamental a exploração destas, como função central no processo de acumulação capitalista (2017, p. 10).

Em função disto, as estratégias utilizadas, no período da transição do feudalismo ao capitalismo e, outras, que também visaram à exploração da mulher, causaram os processos de silenciamentos sobre os corpos, tal como venho falando aqui. Ao longo do tempo, através de diversos recursos, principalmente pela comunicação, esses meios de exploração foram sempre se atualizando, se reinventando, a fim de serem mantidas as estratégias de controle sobre as mulheres. Quaisquer que fossem essas estratégias, sempre afastaram as mulheres do convívio com a terra e, com elas mesmas, em função da negação do *sentir* sobre os seus corpos.

4.2 SENTIR: O AFETO COMO UMA PRÁTICA DE CUIDADO

Se, as estratégias de controle, sobre as mulheres, se atualizam com o tempo, com elas, também, devem se atualizar as formas de resistência a este controle. Todavia, esta resistência deve ser tal, que propõe (re) existir. Ou seja, propõe uma nova ação de existir, que não esteja condicionada a algo que já aconteceu, antes, a estas mulheres, que não seja uma (re) ação aos processos experienciados por estas, mas que seja uma nova ação. A resistência de que falo, porém, não é exatamente ao capitalismo. O problema não é o capitalismo, mas as práticas capitalistas, para com as mulheres, no caso. Essas práticas, de acordo com a discussão que se faz, aqui, agem contra o corpo e, é em função disto que este é tão importante para esta etnografia. As práticas de cuidado de que falo, constitui uma forma de admitir o corpo, tal como Silvia Federici, como um “terreno e instrumento de resistência” (2017, p. 19).

Sendo assim, nos interessa o corpo e os cuidados sobre ele, na tentativa de dar a ele, uma nova linguagem, a partir do *sentir*. Sentir, nas práticas observadas, constitui um Eu que, é um Eu desterritorializado, antes de tudo. Desterritorializar o corpo, então, é resistir à linguagem, a ele imposta, desde a caça às bruxas, semelhante ao que diz Silvia Federici, na obra citada. Isto, para esta etnografia,

constitui uma forma de *afeto*. Somente desta forma, se constituem novas identidades, aptas a retomarem a autoridade em si mesma e, não mais sobre si. Então, o *afeto* é algo que *cuida*, para, somente depois, oferecer a *cura*. Curadas, as mulheres adquirem a capacidade de manter seus corpos, exclusivos, apesar das agressões sofridas pelas intervenções do meio. Estas intervenções sempre ocorrem, mas, neste caso, não se constituem em processos de violência sobre os corpos, justamente porque estes estão sendo cuidados.

Desta forma, *sentir* é uma prática que, admite vários agentes e, estes se interconectam, assim como ocorre com as mulheres e os seres que habitam o Espaço Anangaia. Esta prática é feita de muitas lágrimas, mas também, de muitos sorrisos, de abraços apertados, de bater o pé, de cantos e de danças, de sentir a terra, de sentir o corpo na terra, de bater as mãos, de olhar para o alto, de olhar no olho e de saias ao vento. É uma prática de tocar e ser tocada, pelo vento que bate no rosto, pela água da chuva, que cai em noite de inverno, aquecida por uma sopa, preparada à luz da lua, no fogo de uma fogueira de madeiras, colhidas dali mesmo, na mata, ao fim da tarde, seguida de risos e brincadeiras de mulheres, que se reúnem em grupo. É o vento, é a água, é o sol, é a terra. E, é o *afeto* com tudo isto:

No dia anterior havia chovido muito. Mas à noite, a chuva parou. Pela manhã, de agosto de 2018, um vento típico do Sul, chamado Minuano, cortava o rosto e sacudia as saias longas, de todas nós. Pela primeira vez, caminhei com o grupo até a sanga, que fica no meio da mata. Senti o vento atravessar, não apenas a minha saia, mas, todo o meu corpo. Era como se tudo em volta falasse comigo, através do vento. Eu caminhei firme e com os ombros eretos. Por vezes, nos abraçávamos e, sorriamos. Em seguida, senti o cheiro dos eucaliptos e, pude sentir a presença de todos os seres da mata, como se estivessem nos acompanhando na caminhada. Em seguida, pude ouvir o vento nos galhos dos eucaliptos. Era tão intenso aquele som! Na sequência, ouvi o barulho de nossos pés tocando as folhas secas do chão, úmido e nutritivo, daquela mata. Caminhávamos juntas, por vezes, parávamos e respirávamos, profundamente. Seguíamos. A mata começou a ficar mais fechada e nativa. Os cheiros, dos vegetais ali presentes, se alteravam em cheiros, suaves e fortes. Até que chegamos à sanga. Fiquei de frente pra ela e chorei. O barulho provocado pela queda de água, ao longo do terreno da mata, sugeria o fluir da vida. Bete, uma participante do grupo, espontaneamente, iniciou um canto da Umbanda:

Eu vi a Mãe Oxum na cachoeira

Sentada na beira do rio

Colhendo lírio, lírio eh

Colhendo lírio, lírio ah

Colhendo lírio pra enfeitar o seu Congá

Colhendo lírio, lírio eh

Colhendo lírio, lírio ah

Colhendo lírio pra enfeitar o seu Congá. (Diário de campo, agosto de 2018).

Em relação ao uso de plantas, Pedro Crepaldi Carlessi, em seu trabalho sobre a participação das plantas, na composição de médiuns umbandistas, menciona o afeto, a partir do sentido das emoções, de como tornar-se um médium é, também, se tornar íntimo das plantas e, dividir com estes, alguns sentimentos (2017, p.855-868). No caso das práticas de cuidado, descritas aqui, a relação com as plantas não ocorre com o objetivo de tornar-se um médium. Porém, igualmente a isto, neste grupo, faz-se necessário uma reeducação do afeto e o cultivo da capacidade de *sentir*, com os outros seres e não, apenas, sobre eles.

Sendo assim, o *afeto* que se constitui, entre as participantes do grupo e as plantas, é a reprodução do *afeto*, que se constitui a partir do *cuidado* em si mesmo, através da reeducação deste e do cultivo da capacidade de *sentir*, semelhante ao que diz Carlessi. Porém, aqui, não falo apenas das plantas, mas, também, falo de todos os seres não humanos, que compõem o Espaço Anangaia e, de como isto estabelece um espaço favorável ao *cuidado*, que é, em si mesmo, o próprio afeto.

Desta forma, *cuidar* é recuperar a posse do corpo, retornando a admiti-lo como *divino*. É não mais demonizá-lo, com prática de exploração e controle. É a percepção das sensações, dando valor às emoções, falando delas e deixando-as fluir. O corpo precisa voltar a se comunicar do pescoço para baixo, ele precisa sair do estado mental de tudo, onde as coisas apenas são como são. É preciso devolver ao corpo a prerrogativa de *sentir*, sem que isto se constitua em constrangimentos ou negações com este. O poder e o status, bem como as conformidades às regras sociais, não podem mais continuar a reproduzir as mesmas estratégias usadas para disciplinamento do corpo, há mais de seis séculos de história. Deixe o corpo falar!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo que fez, pode-se conhecer outro jeito de (re) existir, através da reeducação do afeto, demonstrado nas práticas de *cuidado* e *cura*, do grupo de mulheres mencionado, desde a retomada do *sentir*. Além disto, pode-se vir a conhecer as práticas desenvolvidas pela facilitadora deste grupo, bem como o espaço utilizado por elas, para as aquisições propostas por estas práticas. Da mesma forma, a etnografia feita, representa a tentativa de abordar as discussões acerca do corpo e dos processos sociais, políticos e econômicos que se relacionam com este, desde uma abordagem das emoções, considerando, também, aspectos da religiosidade Afro-Brasileira e das que se relacionam com o culto e reverência a terra.

Na tentativa feita, através desta etnografia, foi considerado o Espaço Anangaia, os entes não humanos que compõem este espaço, as frequentadoras deste e as práticas desenvolvidas pela facilitadora do grupo referido, Vera Neone Bourscheit. O espaço referido foi apreendido, neste trabalho, como um ser vivo e, não, apenas, como um simples espaço, de forma que ele mesmo constitui um dos sujeitos desta etnografia. As práticas descritas caracterizam as discussões daquilo que conectam o contemporâneo ao que vemos como práticas xamânicas, em diferentes contextos sociais e religiosos. Porém, neste trabalho, não foi feita nenhuma classificação, sobre estas, a fim de não limitá-las. Todavia, as abordagens feitas, aqui, tentaram considerar a mulher e o corpo, vinculados aos processos sócio-políticos vivenciados por estes, ao longo de muito tempo e, que tem sido responsáveis pelos silenciamentos sobre os corpos.

Em relação às práticas descritas, compõem uma série de atividades desenvolvidas, pela facilitadora, a partir da noção de *cuidado* e, que tem como objetivo a *cura* de cada uma das mulheres, que frequenta o Espaço Anangaia. Dentre estas, tem-se o consumo de infusões, feitas com ervas terapêuticas, que é recomendado às participantes dos grupos, tem-se os rituais desenvolvidos pela facilitadora, tais como o de (re) nascimento e o de fortalecimento do útero, de acordo com as religiosidades que se relacionam ao culto da terra e, de acordo com as religiosidades ameríndias, ou em função das considerações feitas, desde uma noção

de linhagem ancestral e da importância de honrar tudo isto. Além destas, temos a importância do resgate da linguagem corporal, através do *sentir*, que demonstra uma forma de afeto, consigo mesma. Todas as práticas que foram mencionadas tem como objetivo recuperar a posse do corpo, após tantos processos de dominação e exploração deste.

A partir desta etnografia, pude apreender como é possível fazermos novas aquisições sobre o corpo, através do resgate do *sentir* e da recuperação da posse do corpo. Desde o princípio, já no período de iniciação científica, tive a intenção de pensar a noção de corpo, desde o cuidado com este. As temáticas que relacionavam o corpo às mulheres, sempre despertaram meu interesse, ainda que em outro campo ou com outros sujeitos estudados. Porém, a convivência com o grupo descrito, despertou em mim a compreensão sobre o que era, ainda, obscuro, sobre a forma como pretendia abordar tal temática, sem que isto continuasse fiel às abordagens feitas, às que não tem o afeto e o cuidado como uma especificidade sobre as mulheres. Acima de tudo, sem que isto significasse resistir sem (re) existir. Desde o início, pretendia pensar as mulheres e sua existência como um processo que não estivesse condicionado a uma resposta a algo que já ocorreu com elas, mas que às admitisse a partir de algo novo, não como uma (re) ação, mas como uma nova ação, que se constitui em um espaço desterritorializado, e que por isto, resgata o caráter *divino* de cada uma de nós, em função de nossa essência exclusiva.

Semelhante a outros trabalhos, *cuidar*, aqui, também se constituiu em uma estratégia de resistência, em função das observações de como as práticas descritas resultam um processo de *cura* de um estado que, antes, modificou a condição de saúde. Sendo assim, a *cura* foi observada como uma consequência e, também, como um objetivo, alcançado pela manipulação dos elementos da natureza (terra, ar, fogo e água), através dos acionamentos feitos, que conectam os entes não humanos, que compõem o Espaço Anangaia, e as participantes do grupo. Verificou-se que estes acionamentos são compostos por diversas práticas terapêuticas, dentre elas observei algumas como sendo da Umbanda Esotérica, além de outras que se relacionam as religiosidades ameríndias e de culto a terra.

Sobre o recorte das práticas, identificadas como sendo da Umbanda Esotérica, a partir do consumo de infusões, feitas com ervas terapêuticas, verificou-se que este consumo confere às participantes do grupo, a oportunidade de desenvolverem a prerrogativa de *sentir* e se reconectar com a terra, através do cultivo das ervas terapêuticas e da relação disto com o *cuidado*. Sendo assim, o consumo das infusões mencionadas, é uma estratégia que oferece a manutenção e restauração das potencialidades de cada corpo, em função dos acionamentos feitos, por aqueles que bebem a infusão, a partir dos agenciamentos dos entes contidos nestas plantas.

Além disto, esta etnografia levanta uma hipótese, que diz respeito a uma forma de reproduzir, em meio acadêmico, os processos de negação e silenciamentos sobre o corpo, em função da escassez de discussões, neste meio, que considerem as emoções e sensações, desde as aquisições que são feitas, a partir do corpo e, que se originam sob as mesmas bases em que se constituíram os processos de dominação que demonizaram o corpo, desde o início da Idade Moderna. Esta reprodução é tal que não possibilita aprofundar as discussões acerca da subjetividade, ficando estas, apenas, num nível mental, a partir das estruturas cognitivas de atuação das estratégias pretendidas e empregadas para se obter o controle e dominação. Admitir o corpo, a partir da noção do *sentir*, pode ser uma estratégia para outra forma de linguagem, de tal modo que se recupere a posse do corpo.

Em relação ao corpo e às discussões feitas, que o relaciona com as mulheres, desde Silvia Federici, neste trabalho, se fez uma tentativa de abordar o corpo como objeto de demonização, em detrimento de sua natureza *divina*. Através das práticas descritas, foi verificado que estas podem oferecer a retomada da posse do corpo, em função de estabelecerem uma nova linguagem e outra forma de comunicação, tal que é desterritorializada das noções de demonização deste.

Esta etnografia, não apresenta, como tema central, as mulheres e os processos de violências que tem se relacionado a estas. Porém, traz as discussões que tratam da apropriação e disciplinamento destas, tomados, aqui, a partir do corpo, e da relação disto com o poder. Neste sentido, é uma tentativa de apresentar

uma visão não dualista do corpo, a partir das práticas de *cuidado* e *cura*, no grupo descrito, desde as noções de demonização ou de caráter *divino* deste. Sendo assim, se verificou que, para os *cuidados* descritos, faz-se necessário fazer o corpo falar, recuperando e (re) estabelecendo-o como terreno e instrumento de resistências às lógicas de apropriação e disciplinamento.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, José Carlos Gomes dos. A Filosofia Política da Religiosidade Afro-Brasileira Como Patrimônio Cultural Africano. Debates do NER, Porto Alegre, Ano 09, N.13, p. 77-96, Jan./Jun. 2008.
- BAPTISTA DA SILVA, Sergio. Cosmologias e Ontologia Ameríndias no Sul do Brasil: algumas reflexões sobre o papel dos cientistas sociais face ao estado. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 182-192, jan./jun.2011.
- BAPTISTA DA SILVA, Sergio. DUALISMO E COSMOLOGIA KAINGANG: O XAMÃ E O DOMÍNIO DA FLORESTA. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 189-209, dezembro de 2002.
- CARLESSI, Pedro Crepaldi. NESSAS MATAS TEM FOLHAS! UMA ANÁLISE SOBRE PLANTAS E ERVAS A PARTIR DA UMBANDA PAULISTA. 2016. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Análises Ambientais Integradas. Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas, UFS, São Paulo.
- COELHO, M. C.; REZENDE, C.(eds) Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções. 1ªed. Rio de Janeiro: Contracapa. 220 p.
- FAVARO, Jean Filipe. A RELAÇÃO SOCIEDADE/DIVINDADES/NATUREZA NO TEMPLO ESPÍRITA DE UMBANDA ABAÇÁ DE OXALÁ EM PATO BRANCO-PR: MODOS PLURAIS DE EXISTÊNCIA. 2018. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
- FEDERICI, Sílvia. O Calibã e a Bruxa. Ed. Elefante. São Paulo, 2017.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno; MARCELLO, Fabiana de Amorim. Pro-Posições, V. 25, n. 2 (74), p. 157-175, maio/ago. 2014.
- FOUCAULT, Michel. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade". Entrevista com H. Becker, R. Fomet-Betancaurt, A. Gomez-Müller, em 20 de janeiro de 1984. Concórdia Revista Internacional de Filosofia. n 6. Julho-dezembro de 1984, ps. 99-116.
- MAGNANI, J. G. C. Xamãs na cidade. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 218-227, set./nov. 2005.
- MARQUES, Gabriela Pôrto. O CUIDAR FEMININO: SABERES E FAZERES TRADICIONAIS DE BENZEDEIRAS QUILOMBOLAS DE MOSTARDAS-RS. 2018. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, Rio Grande Do Sul.

RAMOS, João Dornelles. *Cruzamento das Linhas: Aprontamento e Cosmopolítica entre umbandistas em Mostardas, Rio Grande do Sul*. 2015. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Rio Grande do Sul.

RAMOS, João Dornelles. *Saúde e Cultura: diversidades terapêuticas e religiosas. Parte I – Culturas Afro-Brasileiras e Saúde*. 1ªed. Ed.UECE. Fortaleza, CE, 2015.

PORTOCARRERO, Vera. A questão da *parrhesia* no pensamento de Michel Foucault, Pierre Hadot e Martha Nussbaum. *Rev. Filos., Aurora, Curitiba*, v. 23, n. 32, p. 81-98, jan./jun. 2011.

ANEXOS



Caminho para a Casa de *Cura*. Foto de Vera Bourscheit. Julho de 2019.



Espaço Anangaia. Foto de Vera Bourscheit. Julho de 2019.



Mulheres no encontro de 2018. Máira, Karine, Vera, Anelise, Denise (eu) e Fabiana, em pé. As demais, Rejane e Anne. Foto de Anelise Lacerda.